

O SENTIDO DA VONTADE DE APRENDER: compreensão dos aspectos psicológicos afetados na relação com a construção do conhecimento escolar

Maria Cristina Cabral Ricardi
Orientadora: Prof^ª.Dr^ª.Maria Anita Viviani Martins
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo-1999

Resumo

A Pesquisa Qualitativa de Modalidade Fenomenológica é a reflexão de uma prática psicopedagógica nas classes de 4^a e 5^a séries de uma escola pública municipal, caracterizada por alunos com baixa frequência às aulas, passividade em relação à aprendizagem e um descompromisso com a escola..

A necessidade desse pensar nasceu da observação dos efeitos provocados nos alunos, ao vivenciarem um projeto psicopedagógico de escrita sobre alguns aspectos convencionais da língua portuguesa. Tais efeitos referiam-se a uma frequência ideal aos encontros, participação nas atividades, compromisso com a escola, com a professora e com os colegas, evidenciados nas atitudes de sociabilidade, cooperação, interação e autonomia.

Os fenômenos presentes na sala de aula sinalizavam que ações pedagógicas apoiadas na Teoria Construtivista Piagetiana afetavam determinados processos psicológicos responsáveis pela aproximação do aluno da aula, da escola e do conhecimento, investigando-os a partir da interrogação:

O que é para você uma aula que você gosta?

As descrições dos 12 sujeitos da pesquisa expressavam significados que, ao serem articulados com as produções escolares, revelavam que a vontade de aprender é despertada por um processo de aprendizagem escolar menos conceitual e mais existencial. Na perspectiva da Fenomenologia Existencial trata-se da Coexistência e da Competência Intrínseca, pois referem-se a vivência, singularidade e historicidade do homem presentes nos discursos dos alunos.

Possibilitar esses processos psicológicos na sala de aula, implica em uma ação psicopedagógica que, segundo Bruner e Wallon, seja comprometida com a produção do conhecimento significativo e com a construção da pessoa.

Palavras-chave: aprendizagem significativa -envolvimento—construção da pessoa.

Abstract

The Qualitative Research of Phenomenological Modality is the reflexion of a psychopedagogic practice in the classroom with primary students of a public school , in which students are absent, don't have or responsibility in learning.

The necessity of this thought came from the observation of the effects provoked in students, as they had experienced a psychopedagogic writing project about some common aspects of the portuguese language. These effects had relations with a ideal attendance, participation in class activities, undertalking with school, teacher and colleges, evidenced for sociability, cooperation, interaction and autonomy

The current phenomena in the classroom showed that the pedagogical actions supported in Piaget's Construtivist Theory affected certain psychological processes responsible for the student's approach towards the class, the school and the knowledge, investigating them by this question:

What is it for you a class that you enjoy?

The descriptions and the productions of the 12 subjects of this research had disclosed that the wull to learn is awakened by a less conceptual and more existential learning process.

The existential phenomenology is about the Coexistence and the Intrinsic Ability, for it's referred to man's living, peculiarity and history presented in student's speeches.

The psychological process is possible in classroom with a psychopedagogical action that, according to Bruner and Wallon, takes into account the significant knowledge and person's construction.

Key words: significant knowledge – involvement – person's construction

OBJETIVOS

Esta reflexão originou-se da preocupação em compreender crianças e adolescentes de uma Instituição Escolar da Rede Municipal de Ensino (PMSP), que vivenciavam várias dificuldades em aprender a ler e escrever.

Observava que havia nesta escola uma forte tendência para a transmissão dos conteúdos curriculares, e uma ausência na sala de aula de condições para que os alunos pudessem socializar suas experiências, expressar seus relacionamentos interpessoais, seu conhecimento prévio e sua afetividade.

A sugestão de uma ação pedagógica de fundamentação teórico-construtivista como uma tentativa de minimizar os problemas daqueles alunos foi aceita pela equipe pedagógica, e acolhida de forma expressiva pelos alunos.

Esta intervenção trouxe o sucesso, o êxito na escola revelados através das atitudes de participação e comprometimento dos alunos com o processo de aprendizagem. Com isso, surgiu a questão sobre que razões os levavam a pensar que valia a pena aprender, ou o que os seduzia quando decidiram assumir um compromisso com a escola, com os colegas e com a professora?

O caminho para refletir sobre minhas indagações foi a construção de uma pesquisa qualitativa com o objetivo de apropriar-me do sentido do envolvimento dos alunos com o aprender, possibilitando-me tanto criar intervenções facilitadoras para a aprendizagem própria da sala de aula, como cooperar com a construção teórica e prática da Psicopedagogia. Além disso, eu visava a compreensão dos fenômenos acontecidos no decorrer dos projetos com o propósito de tornar meus argumentos mais consistentes e convincentes para uma provável mudança nas ações pedagógicas daquela instituição mas, especialmente, para conscientizar os alunos do sentido do aprender, construindo com eles uma aprendizagem e uma escola mais significativas, uma aula e uma prática psicopedagógica mais condizentes com os anseios imediatos daquelas específicas crianças, que estavam na iminência de abraçar ou a marginalidade, ou a alienação intelectual, cultural e psíquica.

Illuminada pela abordagem de pesquisas apresentadas por BICUDO e ESPÓSITO, pelas teorias construtivistas de PIAGET, BRUNER e WALLON e pela filosofia fenomenológica existencial interpretada, predominantemente, por CRITELLI percorri a trajetória da pesquisa qualitativa de modalidade fenomenológica.

O PRÉ-REFLEXIVO

Os alunos da escola com os quais trabalhava apresentavam uma atitude acomodativa, descompromissada com as tarefas escolares, que aliada ao pouco ou nenhum contato com propostas desafiadoras e construtivas, ocasionavam suas dificuldades e fracassos referentes à aprendizagem da leitura/escrita. Diante desta situacionalidade considerava a necessidade de uma ação pedagógica que reverteresse o quadro de insucessos daqueles sujeitos.

Dessa maneira, foram elaborados dois projetos – ortografia e pontuação – constituídos por atividades caracterizadas como diversificadas e lúdicas (stop, bingo, charadas, etc) que solicitavam uma ação de descoberta de pistas e dedução de conceitos, diferenciando-se das tradicionais formalidades da sala de aula e dos exercícios sem significado, com a finalidade de construir estruturas operatórias e ativar as operações lógicas conforme os pressupostos de Piaget. De acordo com uma primeira leitura da teoria piagetiana, acreditava que promovendo

situações que simultaneamente ativassem as operações mentais da identidade, negação e relação produziram o sucesso na aprendizagem.

Tal mudança de postura na sala de aula resultava na manifestação da cooperação, interação, socialização, autonomia e aprendizagem. Parecia haver uma mobilização interna desencadeadora da mudança do dever para o querer aprender. Isto contestava a certeza pedagógica de que a aquisição do conhecimento escolar se daria em consequência de intervenções que ativassem o raciocínio lógico. Portanto, a experiência vivida precisava ser revisitada com uma releitura do pensamento piagetiano e das atividades construtivas, utilizando-se para isso dos escritos de César Coll¹, juntamente com a imprescindível análise das propostas da professora e das produções dos alunos.

Com um outro olhar para esta teoria construtivista e para o conceito de atividades construtivas foi possível concluir que, na verdade, o caráter de tais atividades é o de oferecer situações facilitadoras permitindo ao aluno interpretar, significar o conhecimento e atuar sobre a realidade.

A INTERROGAÇÃO

A partir da retomada conceitual e prática as intervenções foram aprimoradas contribuindo para um ainda maior envolvimento dos alunos identificado pela sua participação mais acentuada, por vínculos mais sólidos com a professora, compartilhando com ela ora o medo de errar, ora o prazer em descobrir o conhecimento e pelo fortalecimento da auto-estima ao terem condições de realizar uma tarefa ou vencer a partida de um jogo ortográfico. Notava durante os encontros que o modo como as atividades eram colocadas e a possibilidade de interagir com elas, com a professora, com os colegas tocavam em seus processos internos e afetivos. Havia nesses fenômenos a aparência de algo a ser compreendido, isto é, havia a sinalização de que ações pedagógicas apoiadas na teoria construtivista piagetiana afetavam determinados aspectos psicológicos responsáveis pela aproximação dos alunos da aula, da escola, do Conhecimento. Isto significava que o desenvolvimento cognitivo, a ação física e mental sobre os objetos respondiam não só pela aprendizagem mas despertavam, igualmente, a vontade de aprender e modificavam a aprendizagem passiva e solitária para outra prazerosa e solidária, mesmo tratando-se de uma escola onde o desejo dominante era o distanciamento da aprendizagem, representado pelo isolamento voluntário do aluno na classe, baixa frequência às aulas, negação em produzir as tarefas escolares.

Dessa forma, era necessário investigar o que havia a desvelar desta aproximação dos sujeitos com o conhecimento escolar; era necessário saber o que os motivava a aprender, exigindo a busca de uma precisa interrogação: O que desta ação pedagógica baseada na teoria Construtivista de natureza piagetiana provoca afetivamente no aluno, que lhe possibilita um contato mais efetivo e afetivo com o conhecimento escolar?

METODOLOGIA DA PESQUISA

Definida a interrogação iniciei a pesquisa qualitativa de modalidade fenomenológica com alunos de uma escola pública da zona central de São Paulo, caracterizados por uma incomum lentidão nas tarefas escolares e um desenvolvimento cultural precário tanto pelas difíceis condições sócio-econômicas, como por uma resistência em transpor os muros da comunidade escolar e familiar, para estabelecer relações com outros centros culturais, educacionais e recreativos.

Selecionei os sujeitos da pesquisa, optando por meninos e meninas de 11 a 14 anos das 5ª séries do 1º grau, devido à grande concentração nessas classes de alunos inquietos, apáticos e com considerável defasagem de aprendizagem. Em todas as turmas de 5ª série da escola foi, simultaneamente, proposta a escrita de um texto espontâneo a ser produzido durante uma aula de 45', como um suporte para a seleção dos sujeitos da pesquisa. Foram 12 os alunos convidados

¹ COLL, César – Temas Fundamentais em Psicologia e Educação – 1997 – p.153.

a participar dos projetos. Durante as aulas, percebia pessoas articulando ações corporais, lingüísticas cognitivas e afetivas. Pareciam estar descobrindo o mundo; ficavam tão desafiadas a vencê-lo que, literalmente, mexiam e remexiam suas mãos, seu corpo e, usavam a linguagem oral para expressar tanto o movimento do pensamento, como a emoção de inventar o novo. Além disso, tomavam conta de si mesmos e dos outros para evitar interferências disciplinares e, saíam da aula acompanhados do conhecimento possível naquele momento mostrando-me, com isso, uma possibilidade de êxito na aprendizagem escolar.

Tendo eles vivenciado os trabalhos com as questões da ortografia e pontuação da língua portuguesa iniciei a pesquisa fazendo-lhes a seguinte indagação: O que é para você uma aula que você gosta?

A análise dos discursos escritos constituiu-se em examinar os seus conteúdos e observar a linguagem encontrando unidades significativas. Desta primeira interpretação extrai os significados essenciais para dar conta da compreensão sobre o envolvimento com o aprender. Na finalização deste percurso constatei nas asserções articuladas os modos de existência que aproximavam os sujeitos da vontade de aprender; o que os afetava era a conquista da competência, liberdade de expressão, cooperação, autonomia, coisas da convivência e encontrar o significado do conhecimento e da aprendizagem deixando-os encarnados.

Foram duas as categorias retiradas das convergências e divergências presentes nas descrições:

- 1- Coexistência – “com a Matemática poderei conhecer um pedacinho da vida”(disc.1)
“aprender em uma aula é preciso a ajuda de todos”(disc. 3)
- 2- Competência - “a sala de aula torna-se um ambiente inexplicável quando você tem competência para discutir os temas que o professor ensinou”.(disc.2)
“ter um ambiente livre para expressar minha opinião, meu conhecimento deixa-me com vontade de aprender” .

Aprender em uma aula da qual se gosta é poder contar com as trocas sociais, cognitivas e afetivas; é poder usar o que se aprende na vida, no dia-a-dia, coordenando com o modo de viver e de ser; é poder expressar a competência, aquela que trazemos da vida.

COEXISTÊNCIA e COMPETÊNCIA são os sentidos que mobilizam, internamente nos sujeitos, o envolvimento cognitivo e afetivo com a produção do saber escolar.

A COEXISTÊNCIA foi extraída dos discursos referentes à Cooperação e Aprendizagem Significativa. Esta Cooperação é caracterizada como “solicitude”² em que um atua com o outro promovendo o encontro com as interpretações próprias do aprender, conferindo autonomia na vida. Quanto à Aprendizagem Significativa trata de “atender aos próprios objetivos e interesses, a tudo que tem sentido para o homem”³.

Sendo assim, aprender em uma aula da qual se gosta é ter condições de atribuir significados às relações mantidas com as coisas e com os outros. É aprender significativamente, implicando em uma aprendizagem menos conceitual e mais existencial.

A COMPETÊNCIA assinalada pelos sujeitos é reconhecida como a Competência Intrínseca discutida por Bruner⁴: é aquela que por motivos internos levam ao prazer de aprender, proporcionando iniciativa, independência de ação, decisão e responsabilidade, desencadeando o sentimento de êxito.

As crianças revelam, portanto, que o envolvimento com o aprender na escola não transita pelo treino das habilidades e lógica das ações, mas pelos “estados de ânimo”⁵.

² HEIDEGGER, Martin – Todos nós...ninguém – 1981, p.18 / 20)

³ ROGERS, Carl – Liberdade para aprender – 1978, p.160

⁴ BRUNER, Jerome – Uma nova teoria da aprendizagem – 1973, p.115/117

⁵ Os estados de ânimo sempre evidenciam a forma pela qual somos tocados ou afetados pelas coisas e/ou pelos outros”. In: CRITELLI, Dulce M. – Analítica do Sentido – 1996, p.93

No sentido de apropriar-me da essência dos fenômenos pesquisados realizei o cruzamento entre as produções dos alunos e as asserções articuladas. Pode-se ler no quadro dos cruzamentos que aqueles que produziram seus textos pela regra gramatical tiveram pouco ou nenhum avanço na reescrita de seus textos; já, os que produziram pelo sentido, intencionalidade e subjetividade apresentaram progressos na sua aprendizagem. Isto quer dizer que as atividades construtivas em si mesmas, não são as responsáveis pelo querer aprender, mas o modo significativo de intervir na sala de aula com semelhantes atividades é que provoca os processos afetivos encontrados nas convergências.

QUADRO DOS CRUZAMENTOS ARTICULAÇÃO ENTRE ASSERÇÃO E PRODUÇÃO DOS SUJEITOS

ANÁLISE DAS PRODUÇÕES	TEXTO ESPONTÂNEO	ATIVIDADES LÚDICAS E CONTEXTUAIS	AVANÇOS NA PRODUÇÃO DE TEXTOS	ASSERÇÕES
CARREIRO E O PAPAGAIO	ESCOLAR NARRAÇÃO CORREÇÃO LINGUÍSTICA COERÊNCIA INTERNA	PRODUÇÃO PELO SENTIDO	AVANÇOS NOS EFEITOS SINTÁTICOS (TEXTUALIDADE)	AFETA-ME DEIXAR O CONHECIMENTO ENCARNADO
JOGANDO BOLA	REAL VIVIDO DESCRIÇÃO SEQUÊNCIA DE AÇÕES CORREÇÃO LINGUÍSTICA	PRODUÇÃO PELA REGRAS GRAMATICAL		AFETA-ME APRENDER AS RELAÇÕES ENTRE OS SABERES
OS AMIGOS DE VITÓRIA	ESCOLAR NARRAÇÃO CORREÇÃO LINGUÍSTICA COERÊNCIA INTERNA	PRODUÇÃO PELO SENTIDO	AVANÇOS NA CLAREZA UNIDADE E COERÊNCIA	AFETA-ME APRENDER
O QUEIJO	ESCOLAR NARRAÇÃO CORREÇÃO LINGUÍSTICA COERÊNCIA INTERNA	PRODUÇÃO PELA REGRAS GRAMATICAL	AVANÇOS NA CONCISÃO	AFETA-ME APRENDER O CONTEÚDO E A FORMA
UM HERÓI	ESCOLAR NARRAÇÃO CORREÇÃO LINGUÍSTICA COERÊNCIA INTERNA	PRODUÇÃO PELA REGRAS GRAMATICAL	MAIOR CLAREZA E UNIDADE	AFETA-ME A AUTONOMIA E A COMPETÊNCIA
SEM TÍTULO	REAL VIVIDO RELATO INCOR. LING. COERÊNCIA	PRODUÇÃO PELA REGRAS GRAMATICAL	NECESSIDADE DE PONTUAÇÃO	AFETA-ME A COMPETÊNCIA DA LÍNGUA PARA COMUNICAR-ME MELHOR

A INTERPRETAÇÃO

Os significados apreendidos da palavra dos sujeitos levaram-me ao diálogo entre o fenômeno e o objeto.

Em a Analítica do Sentido⁶ (6) lê-se que o ser e o mundo são interpretados pela Metafísica como coisas. Nesta visão, a percepção está direcionada para os acontecimentos que se pode ver, apalpar, medir, controlar. Assim sendo, só o que é visível no mundo é passível de reflexão e compreensão.

Os fundamentos da metafísica concentram-se no empirismo e na sua objetividade caracterizando o mundo/ser como um real já constituído, já concebido. Portanto, idéias e conceitos determinados e imutáveis são os meios para refletir sobre o homem que surge no mundo em consequência da existência das coisas.

Estando homem/ mundo previamente construídos, as coisas aparecem com a única função de confirmar a Verdade absoluta e segura. Nem elas mesmas são: o que existe é a sua representação, é a Idéia, o Conceito.

A Fenomenologia importa-se com o homem elegendo-se intérprete do mundo, aquele que atribui significado às coisas. Atém-se aos fenômenos humanos, porém de maneira nada unilateral como procede a Metafísica. Há um movimento de unidade entre homem /mundo; um dá existência ao outro, através do desvelamento das possibilidades de sentido do mundo-vida.

É fundamental para a Fenomenologia o ser e o significado da existência, considerados a partir da perspectiva particular extraída da experiência vivida, da aparência do fenômeno no contexto de vida do homem, no seu “ser-no-mundo-com-os-outros”, no cuidado com a sua existência.

Para a Fenomenologia a construção do mundo desvia-se da lógica e da representação.”A criação do homem é a de reunir condição básica para construir e habitar, fundamento para que exerça sua capacidade de realizar algo de novo, de agir”⁷ O sentido deste dizer é que no mundo-vida estão acontecendo relações da pessoa com os outros, com as coisas e com o si próprio que vão criando o real. Trata-se da afetividade provocando o interesse em aprender e regendo a aprendizagem escolar conforme é o conhecimento focalizado nesta reflexão. Por sua condição exclusivamente humana a afetividade só tem presença pela ação do homem. Este, por sua vez, tem __ existência mediante duas dimensões que precisam ser compreendidas: a temporalidade e a espacialidade.

Dirigindo-me à compreensão que venho construindo nesta pesquisa e, certificando-me de que é o aluno na sua totalidade e em referência à sua contextualização o fenômeno a zelar como educadora, volto-me para os aspectos do tempo-espço.

A espacialidade apresenta a possibilidade de aproximação do que for significativo nas relações do sujeito com a vida; a temporalidade permite ao homem encarnar o que foi afetado e transpor para outro tempo e lugar. Ambas contribuem para a construção da singularidade, fazendo-me perceber o encontro com o envolvimento, que quero compreender, com a afetividade desvelada, com a confirmação de inovação do mundo pelo homem.

Com esse fundamentos filosóficos em mãos vejo, na Interrogação, traços da Metafísica e da Fenomenologia.

O pensamento lógico-conceitual da Metafísica parece ser o ponto central da teoria piagetiana, refletindo na proposta construtivista que defende uma intelectualista e impessoal relação com o conhecimento.

A Interrogação inicia-se, justamente, com a concepção ôntica do homem, representativa e objetiva do mundo, destoando da questão básica – igualmente presente na Interrogação – de olhar para a pessoa do sujeito da aprendizagem e, em especial, para os seus processos internos no ato de aprender o conhecimento escolar é preciso assumir uma postura filosófica que explicita as significações ditas pelos sujeitos

A abordagem fenomenológica existencial tem o embasamento necessário para atender os sentidos desvelados pelos alunos sobre o envolvimento com a aprendizagem escolar.

⁶ CRITELLI, Dulce M. – Analítica do Sentido – 1996, p.36

⁷ ESPÓSITO, Vitória Helena – A escola, um enfoque fenomenológico – 1993, p.16

COEXISTÊNCIA e COMPETÊNCIA INTRÍNSECA são os significados comprometidos com a Fenomenologia. Isto porque dizem respeito à vivência, à singularidade, à historicidade e, portanto, aos processos internos e afetivos diretamente responsáveis pelo envolvimento do aluno com o conhecimento característico da escola.

Penso que concretizar esses fenômenos na sala de aula pode favorecer a construção de uma escola que promova, não apenas, o sucesso na aprendizagem, como também a formação de um homem que interaja com o mundo de modo significativo e autônomo.

A PSICOPEDAGOGIA

Os fenômenos da aprendizagem retratados nesta pesquisa requerem uma ação psicopedagógica fundamentada nas teorias construtivistas de BRUNER e WALLON, pois harmonizam-se com minhas convicções educacionais, com as explicitações oferecidas pelos sujeitos, com a postura metodológica e conceitual assumida nesta reflexão.

Realizar na intuição escolar os sentidos da vontade de aprender é inserir na sala de aula todas as modalidades de contextualização e ação humana constituintes da história pessoal.

Segundo BRUNER⁸, é o processo de produção do significado viabilizado pelos estados intencionais, crenças, cultura, valores das pessoas durante a aquisição do conhecimento. Trata-se da aprendizagem significativa que tem como condição primordial a construção do si-mesmo, da pessoa, da subjetividade.

Na perspectiva de WALLON⁹, os principais motivadores das relações favoráveis com o aprender são os estados afetivos e a emoção emergentes das interações com o ambiente físico e humano, tal como são apontadas pelos sujeitos deste estudo. São das interações sociais, culturais e pessoais que o homem conquista sua individualidade e consciência afetiva resultando na formação de um ser social, proporcionando-lhe um sentido para sua aprendizagem, despertando-lhe o interesse e a curiosidade pela descoberta do conhecimento.

CONCLUSÃO

Uma última palavra desta monografia é dirigida aos professores convictos da impossibilidade de êxito na aprendizagem escolar, por alunos da escola pública que apresentam dificuldades de aprendizagem em leitura/ escrita. Dirijo-me a eles, com a intenção de convencê-los a intensificar sua atenção sobre um dos aspectos causadores do sucesso na aprendizagem, mas timidamente discutido dentro do universo escolar: a afetividade.

Conhecê-la é ter em mãos meios de reverter o quadro atual de alunos desmotivados a aprender em consequência de uma escola que os impossibilita de socializar suas experiências, e de desenvolver modos de pensar discordantes daqueles ditados pelos professores. Considerá-la na sala de aula é valorizar e colocar em prática os objetivos educacionais de formar um aluno crítico e criativo.

É pelos estados afetivos na Educação que podemos construir um homem, cuja ação para conhecer o mundo o leva a perceber a experiência, a cotejá-la e a significá-la através da atitude da descoberta e recriação do mesmo. Suas possibilidades de ação dessa maneira, têm origem na percepção particular dos fenômenos manifestados em suas relações com o mundo, atribuindo-lhes um sentido único, singular.

André Dartigues¹⁰ assim conceitua este homem que a Fenomenologia contempla:

“O homem é uma existência que se autodetermina, e se realiza em sua ação sobre o mundo. ação que é desvelamento da realidade¹¹ ao mesmo tempo que modificação dessa realidade.”

⁸ BRUNER, Jerome – Atos de Significação – 1997, p.40

⁹ DANTAS, Heloysa – “Algumas contribuições da psicogenética de Henry Wallon para a atividade educativa” – Revista de Educação – ano 23 – nº9 1994, p.4

¹⁰ DARTIGUES, André – O que é fenomenologia? -1984.p.61

A concreticidade de ação do homem sobre o mundo, porém, exige-lhe a condição de trazê-lo à consciência, de percebê-lo e apreendê-lo, enquanto busca constante de sentido das experiências vividas pois, segundo Merleau-Ponty:

“Tudo que sei a respeito do mundo, mesmo pela ciência eu sei a partir de uma visão minha ou de uma experiência de mundo sem a qual os símbolos da Ciência não significariam nada.”¹²

Significar a experiência vivida é a interpretação pelo homem do sentido de sua relação com as coisas e com as pessoas ; é ser autônomo para sentir, pensar, agir sobre o mundo e constituir-se no único ser capaz de lidar com suas limitações e envolver-se com o conhecimento.

Realizar esta ação na instituição escolar é construir uma escola significativa e criadora de valores humanos que, de acordo com o pensar de ESPÓSITO¹³ pode, porém, ser inviabilizada pela prevalência da objetividade, do “dever ser”, afastando o homem construtor do mundo.

CRITELLI alerta-me, igualmente, quanto às técnicas de ensinar e a instrução que dominam no contexto institucional escolar, gerando massificação e o “ser-com-os-outros-cotidiano”, onde o homem transforma-se no “a gente” perdendo sua competência criativa, autonomia e construção da pessoa.

Obviamente, normas, instruções, informações, métodos de ensino são dados da realidade escolar sem os quais nós, educadores e educandos, invalidaríamos a natureza da escola e a transmissão de crenças, hábitos e valores culturais. Porém, a questão é evitar que tais procedimentos sobreponham-se ao respeito pela vivência e pela pessoa do aluno ; é intervir na escola de forma a abdicar de seu exclusivo papel de transmissora das ciências já constituídas, preocupando-se em dar relevância aos temas da existência e à produção de conhecimentos significativos, garantindo o comprometimento com a subjetividade e a afetividade dos alunos.

Sendo assim, compreendo que o despertar da vontade de aprender não está diretamente relacionada às consequências de uma ação pedagógica voltada para o desenvolvimento do pensamento lógico.

Nesse sentido, envolver o aluno com sua aprendizagem é um trabalho de construção da pessoa e das significações dadas às relações estabelecidas com os outros e com os objetos. É, portanto, um trabalho afetivo por importar-se com a singularidade do aluno, com o seu modo de ser, de relacionar-se com a sua existência. Olhar para a pessoa do aluno é dar espaço para as emoções, a vivência interna e a afetividade, podendo liberar não só os eventuais bloqueios na aprendizagem, assim como, as ações referidas à aquisição do conhecimento oferecido pela escola.

Efetivar esta postura, deixar transitar a afetividade entre os alunos , implica em uma ação psicopedagógica na instituição escolar, que aborde a COEXISTÊNCIA e a COMPETÊNCIA INTRÍNSECA. O seu sentido na sala de aula relaciona-se com o modo de cada ser habitar o mundo; tem a ver com o real vivido, com o contexto de vida. É o homem dando significado às vivências cotidianas, tomando conta da construção do conhecimento na escola. Aproximar-se deste conhecimento, então, é zelar pelo homem, cuidar do si mesmo, do modo como os seres relacionam-se com a experiência vivida.

Cabe a nós, educadores, abrir a porta da sala de aula para a entrada do afeto, dos valores individuais e culturais se pretendemos o envolvimento do aluno com o conhecimento escolar. Se o que queremos para nossos alunos é o despertar da vontade de aprender e a constituição de um sentido autônomo no seu estar-no-mundo e', então, preciso que eles sejam acolhidos em uma escola que, para mim, se projeta nas palavras de Albert Einstein:

¹¹ Realidade é aquela edificada pela maneira como o homem interpreta e estabelece relações com o mundo. IN : DUARTE, João F. – O que é Realidade? – 1994 , p.37.

¹² MARTINS, Joel – Temas Fundamentais de Fenomenologia – 1984, p.61.

¹³ ESPÓSITO, Vitória Helena Cunha – A Escola – um enfoque fenomenológico – 1993, p.116

“Despertar e fortalecer forças psicológicas no jovem, são, a meu ver, a mais importante tarefa desempenhada pela escola. Só um alicerce psicológico deste tipo conduz a um desejo prazenteiro, pelos mais elevados bens dos homens, o conhecimento e a criação artística.”¹⁴

Bibliografia

- BICUDO, Maria Aparecida V. – ESPÓSITO, Vitória Helena C. – Joel Martins...um seminário avançado em fenomenologia – S.P. – EDUC – 1997
- _____ Pesquisa Qualitativa em educação – um enfoque fenomenológico – S.P. – UNIMESP – 1994
- BRUNER, Jerome – Uma nova teoria da aprendizagem – trad. Norah Levez Ribeiro – R.J. – Edição Block – 2ª ed. – 1973.
- _____ - Atos de Significação - P.A. – Artes Médicas – 1997.
- CRITELLI, Dulce Mara – Analítica do Sentido – uma aproximação e interpretação do real de orientação fenomenológica – S.P. – Ed. Brasiliense – 1966.
- DANTAS, Heloysa - “Algumas contribuições da Psicogenética de Henry Wallon para a atividade educativa” – Revista de Educação – S.P. – ano 23 – nº 9 – 1994
- _____ - A Infância da Razão – uma introdução à psicologia da inteligência de Henry Wallon – S.P. – Ed. Manole Dois – 1990
- DARTIGUES, André – O que é Fenomenologia? – Trad. Maria José J. de Almeida – S.P. – Editora Moraes – 3ª ed. – 1992.
- DUARTE Junior, João Francisco – O que é Realidade – Ed. Brasiliense – S.P. – 1984.
- EINSTEIN, Albert – Escritos da Maturidade – trad. Maria Luiza X. de A. – Ed. Nova Fronteira R.J. – 1995.
- ESPÓSITO, Vitória Helena Cunha – A Escola : um enfoque fenomenológico – S.P. – Ed. Escrita – 1993.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda – Novo Dicionário da Língua Portuguesa – R.J. – Nova Fronteira – 1986.
- FORGHIERI, Yolanda Cintrão – Psicologia Fenomenológica – Fundamentos , Métodos e Pesquisa S.P. – Ed. Pioneira – 1993.
- GALVÃO, Isabel – Henry Wallon – uma concepção dialética do desenvolvimento infantil – R.J. Ed. Vozes – 2ª ed. – 1995.
- HEIDEGGER, Martin – Todos nós...ninguém – um enfoque fenomenológico do social – trad. Dulce Mara Critelli – S.P. – Ed. Moraes – 1981.
- LA TAILLE, Yves de – Piaget, Vygotski, Wallon – teorias psicogenéticas em discussão – S.P. – Ed. Summers – 1992.
- LUDKE, Menga – Pesquisa em educação: abordagens qualitativas – S.P. – EPU – 1986.
- MARTINS, Joel e BICUDO, Maria Aparecida V. – A Pesquisa Qualitativa em Psicologia – Fundamentos e Recursos Básicos – S.P. – Ed. Moraes – 2ª ed. – 1994.
- _____ Existencialismo e Fenomenologia e Educação. S.P. – Ed. Moraes – 1993.
- MARTINS, Joel e DICHTCHEKENIAN, Maria Fernanda – Temas Fundamentais de Fenomenologia. S.P. – Ed. Moraes – 1984.
- MARTINS, Joel – Um enfoque Fenomenológico de Currículo : educação como poiésis – Ed. Cortez – 1992.
- MASINI, Elcie F. Salzano – Aconselhamento Escolar – uma proposta alternativa: atendimento ao “aluno difícil” – S.P. – Ed. Loyola – 1984.
- MERLEAU-PONTY, Maurice – Merleau-Ponty na Sorbonne – resumo de cursos: filosofia e linguagem – trad. Constança Marcondes César – S.P. – Papirus – 1990
- _____ - Fenomenologia da Percepção - trad. Carlos Alberto Ribeiro de Moura – S.P. – Martins Fontes, 1994. PIAGET, Jean – O nascimento da inteligência na criança – R.J. – Zahar Editores – 2ª ed. – 1978.
-

¹⁴ EINSTEIN, Albert – Escritos da Maturidade – 1995, p.39

_____ - A Tomada de Consciência – trad. Edson Braga de Souza – S.P. – Melhoramentos – 1978
PMSP – Regimento em ação – Caderno 3 - 1992
ROGERS, Carl – Liberdade para aprender - trad. Edgar Godói da Malta Machado – B. H. Interlivros – 4ª ed. – 1978.
PINHEIROS, Maria Mersilda – Emoção e afetividade no contexto da sala de aula – concepções dos professores e diretores para o ensino – tese de mestrado – PUC – 1995
SEVERINO, Antonio Joaquim – Metodologia do Trabalho Científico – S.P. – Ed. Cortez – 19ª ed. -1993.
TEBAR, Lorenzo – “Viver o Êxito na Escola” – Rev. da Associação Brasileira de Psicopedagogia vol. 14 – nº 32 – S.P. -1995 – pgs. 28-31.
TEBEROSKY, Ana e TOLCHINSKY – Substratum : temas fundamentais em Psicologia e Educação – vol.1 – nº1 – P.A. – Artes Médicas – trad. Beatriz Affonso Neves - 1997
WALLON, Henry – Origens do caráter na criança – S.P. – Nova Alexandria – 1995
WHITE, Robert W. – “Motivation Reconsidered the Concept of Competence “ – Psychological Review – pgs. 297-331 – 1958.

Maria Cristina Cabral Ricardi
E-Mail: cristina_ricardi@uol.com.br
São Paulo
